



(A Conferência)

Para você que adquire um destes livros na forma física:
O preço (quando não, apreço!) terreno atribuído às
obras do presente autor apenas se justificam pelos
meios de produção e sua posterior divulgação. A fé em
Deus, à Luz e ao Bem Comum, é e sempre será o
intuito desta vida, por enquanto durarem seus dias.
Agradeço a todos a oportunidade, e que nossos erros
possam ser perdoados.
Que a Paz esteja em nós!

A primeira edição falando de Amerê e do que acontece na *Conferência* atestou que este livro seria proibido (ainda é, então?), nem se responsabiliza, diferentemente desta vez,

Personagens (Em Aparição)

Amerê

o garoto zoeiro

Pilar

Bianca Fiori

o arrumador

Babá

E a estrangeira

ARGUMENTO

Amerê. É vista em tanta fé, fastios. Está de pé, calada. Muito e de várias maneiras se destruiu ao chegar neste ponto a nossa Amerê. O que se sabe é que reinava a espera no local. Os mortos e os vivos são os que se alinham nessa *doideira*; sangue e pregos, porque nada disso fora esperado. Ouve-se um fuuuss..

Um momento depois, vindo de longe, Amerê levantando o rosto, começa ela a revelar tudo o que percebe, vejamos:

“Como levamos”, examina ela. Chegam perto Pilar, o arrumador, Babá e a estrangeira. O garoto está vindo de longe e sem pressa. Continua Amerê, após esperar que ficassem juntos os presentes:

“Reclamando não, refazendo
Por um belo maior favor
Caímos no sono, ah, nesse
Tanto nos fartamos, teimamos
Com as drogas de buscar
Mostrando cansaço reconfortante
Mas desfaz-se em vãos, lodos,
pântanos e bambuzais.
Como que grandes sáurios
Sim, vimos os mega destruidores,
só fazem matar! Que é isso?”

Quais de vocês fazem matar?
Primeiramente caçando o que for
Essa brincadeira é velha
A de saltar muros, roubar veículos
Passar por cima à tua maneira,
só e fugir capenga.”

A seguir, calou-se respirando fundo; logo depois com a força revigorada levantou os braços e implorou, ao modo dos iniciados – Amerê pediu a justiça para todos, que o mundo a ouvisse! “Justiça”, ela repete. Durante um momento, quem estava ali sentiu o ambiente refrescar. A Babá toma a palavra:

“Assim sendo, descontraídos
Passávamos por um descampado
Já sabemos qual, ele volta!
A morena ia apreensiva
Girou e disse para a gente:
Precisamos chegar depois de lá
Temos que ir para Argot”

“Quê? Como assim?”, fala o arrumador.

“Não seria ao Argumento??”, comenta a estrangeira.

“Ela estava muda essa morena, sozinha em si, olhando fora. Esse futuro não era nem o esperado”, continua relatando a Babá.

“Mas é o que nos pertence
Pagamos pelos erros, pois é
Como levamos, como deixamos?”, reflete Amerê,
observando todos.

“Dane-se”, mesmo assim era o que falava a morena, e enfatiza a Babá que “para aquela pessoa em seu xingamento, no estado em que se via, para ela nada naquela época importaria.”

“Mesmo após banais avisos
Toda a bolha estourou
Assaltar virou a lei
Quem pode ostentar
Se o medo assopra à vista?”, diz isso e Amerê se detém, pois o garoto se aproximava deles ali. Acenaram para ele, que ao se juntar tranquilamente dispôs o ambiente com sua melindragem. Formaram então um círculo para escutar a declaração de Amerê. Ela prossegue:

“Eu vi”, e respira fundo. “Cais e mais carros pelos abandonados
E muita gente desesperada pedindo.....
Correr à luz
E via-se tal Palácio de Granito, como na Antiguidade
Só poderia ser uma alegoria!”

Diante disso, intervém o garoto:

“Bem, é uma forma polida, lisonjeira, não é (risos), de dizer que...

“Desabada a coxinha de galinha
Certo monstro gigantesco, este.....
Jogou aqui no chão, depois de sua fome
Nos deixou o salgado estatelado
Mais uma coxinha de galinha.”

“A afirmação continua sim, se não for contestada, mas a hora pede... a ficarmos mais leves”, aquiesce Amerê.

Ao ouvir isso, o garoto arregala o rosto, achou ele ter sido zombeteiro demais. Pilar também quer rir, mais pelo garoto. Os demais já estão entregues, só escutam agora o murmurar das rezas, apenas seus corpos físicos estão ali naquele momento. Amerê já havia paralisado o lugar; ela abre os braços, suplicando igualmente a bênção da Luz, e fala mais alto:

“Fossi... paralisados,
cegos de prazer e raiva pelo destino
São precisos e dão o recado...
Ao que se retiram os mais lentos
Da jogada e para ela apenas quem
for bruto
Os jovens que catem os despojos
Era cedo demais, já disseram!
Pedem muito.”

E cochicha bem baixinho o garoto, quase não sai ar de seus pulmões:

“Ainda há muito para a gente, calma aê.”

Amerê meneia a cabeça, como se deixando seu corpo ser invadido pela revelação. Continua:

“É deixado apenas um treco

Que, Tateando pelo escuro,

Desanima se não é música ou ordem

De massa misturada a fiapos..... humm (...)”, ao passo que o garoto lhe interrompe, querendo suscitar mais ênfase, percebendo que ela sofria ao dizer tudo aquilo. Ele brinca, então:

“Não é bem a carne, só o desfiado... tá vendo não!?”

Mas dessa vez ninguém sorri pois estão em sintonia com a energia emitida por Amerê. O garoto também respira fundo, sabe que ao se entregar àquela energia talvez perdesse uma parte de si. Mas era a vez de lavar a alma! Ele respira, e antes que pudesse reorganizar seus pensamentos, volta Amerê do transe proferindo as seguintes (e ríspidas) palavras:

“É massa de si (e do momento)... sempre tosca
massa

Por vezes vem temperada e amorfa

Outras sem sal, depende do cozinheiro!!!!”, e se cala. Mas o garoto intervém, assistido pela compaixão dos